



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ESTUDOS HOMOSSEXUAIS: DIALÓGICA DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DA TEORIA QUEER

JULIANE COSTA SILVA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Viver numa sociedade marcada por um padrão heterossexual tem sido uma tarefa árdua durante muito tempo para os homossexuais. O ato de reconhecer-se como sujeito e vivenciar seus desejos de maneira satisfatória e livre ou como é utilizado por muitos movimentos homossexuais, o sair do armário, tem sido um longo caminho de quebra de preconceitos. De acordo com a reflexão supracitada o trabalho propõe analisar como as construções dos papéis sociais atuam diretamente como um processo excludente dos sujeitos que não vivem sua masculinidade e feminilidade de acordo com os padrões sociais. Dentro dessa perspectiva de desconstruir as concepções de normatização, analisa-se a dialógica entre os Estudos de Gênero e a Teoria *Queer* como um aparato teórico que visibiliza os homossexuais, buscando pesquisar e trazer ao cerne da sociedade, os grupos minoritários que por muito tempo estiveram à margem dessa sociedade. Para tal análise utilizou-se os seguintes referenciais teóricos: Hall (2006), Foucault (2009), Louro (2008), Louro (2000), Louro (1997) e Carrara e Simões (2007). A partir da dialógica entre os Estudos de Gênero e da Teoria *Queer* percebeu-se que a sociedade uma vez marcada por instituições que exercem poder sobre ela como a família e a escola, impõe um padrão heteronormativo que fomenta o preconceito social contra os homossexuais. Tal fator atua diretamente na maneira como estes muitas vezes demoram a se assumir e se integrar socialmente, uma vez que são a todo o momento colocados a margem. Portanto, os estudos sobre sexualidade apresentam uma vertente ligada aos estudos homossexuais que subsidiam uma ferramenta importante para a desconstrução aos poucos da concepção homofóbica, conscientizando as pessoas que a diferença é natural e que precisamos conviver harmoniosamente com uma igualdade de direitos para todos os indivíduos sejam eles homossexuais ou heterossexuais.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho justifica-se a partir da vivência com amigos e familiares homossexuais que uma vez parte do meu convívio diário, vivenciei junto com eles o processo de estigmatização e exclusão aos quais foram/são submetidos. Uma vez que visto como desviantes de um padrão social muitas vezes até por seus familiares foram reprimidos na sua infância e adolescência embebecidos por um discurso preconceituoso e tardio que massifica e digere os indivíduos, não permitindo por muitas vezes trazer à tona as identidades sexuais desses sujeitos por vergonha ou julgamentos de pecado.

A sexualidade é um campo fértil para proliferação de mitos, tabus e preconceitos. Em função de os estudos nesse campo serem recentes, nossa cultura se organizou e explica os comportamentos sexuais baseando-se em suposições convenientes para determinados grupos. Em geral, a criação de tabus, mitos e preconceitos decorre da necessidade de manutenção do poder de alguém. Talvez isso seja fruto de uma sociedade baseada em preceitos religiosos que mitificam o corpo e propagam a sexualidade como pecado.

Somos vítimas de uma sociedade baseada em preceitos religiosos que mitificam o corpo e propagam a sexualidade como pecado. Somos vítimas de uma sociedade elitista, preconceituosa e sofremos as influências de normais sócias que pregam a heterossexualidade a qualquer custo.

Durante muito tempo vivemos aprisionados a conceitos ultrapassados e preconceituosos a cerca das identidades do sujeito. E este que antes foi visto de uma forma fixa e unificada foi condicionado a seguir uma heteronormatividade na qual os indivíduos seriam homens e mulheres que vivenciavam sua sexualidade a partir do desejo ao sexo oposto. Entretanto hoje, com o avanço dos estudos culturais e as crescentes discussões sobre gênero e sexualidade observou-se que o sujeito vem vivenciando de diferentes maneiras seus desejos e sua sexualidade, não pertencendo, portanto a um paradigma de oposição homem/mulher, mas uma diversidade de identidades que ganham aos poucos sua visibilidade.

Busca-se, portanto no presente trabalho analisar como os estudos de gênero colaboraram para a introdução aos estudos das sexualidades e da homossexualidade como uma identidade sexual. A fim de dar visibilidade às questões pertinentes ao ser homossexual, sua relação com a sociedade e como os estudos da Teoria *Queer* tem contribuindo para o combate a homofobia.

2. CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEXUAIS/GÊNERO

Vivemos por muito tempo norteado de estereótipos da figura feminina e masculina como pólos coexistentes de oposição e negação que ainda hoje se perpetuam apesar das discussões acerca de gênero e sexualidade como nos alerta Almeida (2010, p.102):

Se o ser homem é patriarcalmente identificado nos músculos fortes e à mostra, no ser agressivo e autoritário, a mulher é definida a partir de uma relação de oposição, frágil, emotiva, passiva, ingênua e dominável. O papel de sexo-gênero de um ser define pela negação do papel corresponde do outro.

Segundo Almeida, a divisão social dos sujeitos é caracterizada a partir da construção de papéis sociais que foram construídos socialmente durante muito tempo, na qual o homem sempre foi visto como o centro da sociedade, por representar a figura "forte", alimentando com isso à concepção de uma sociedade patriarcal e de uma mulher subserviente.

Os estudos culturais surgem e começa a ruir como processo de delimitação do sujeito, trazendo a palco uma concepção de um sujeito fragmentado, iniciando um processo de desconstrução social de uma perspectiva do individuo como um ser unitário, fixo, unificado, seguro e coerente. Segundo Hall (2006, p. 13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar –ao menos temporariamente.

Se o sujeito constitui-se, portanto como um ser plural e inacabado, não podemos mais atribuir ao sujeito um viés unitário. Tornando-se visível os sujeitos que por muito tempo esteve à margem da sociedade, atribuindo valor aos estudos das identidades marginalizadas a partir dos estudos feministas de gênero que analisam o sujeito homossexual como parte da sociedade. Segundo Louro (1997, p. 21):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir,

efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Segundo a citação de Louro, as sociedades estão marcadas por um processo de divisão do convívio social em dois gêneros, na qual tudo atende a essa perspectiva dissipada: as cores, as profissões, os sentimentos e valores. Tudo se torna, portanto sexuado.

Com avanço dos estudos sobre gênero e identidade do sujeito surgem questionamentos a cerca da identidade sexual a partir do desejo e de como este sujeito vive a sua sexualidade seja ela pelo sexo oposto, pelo mesmo sexo, ou ambos os sexos. As discussões dão visibilidade aos sujeitos que uma vez as margens desse padrão de heteronormatividade são excluídos e silenciados pela sociedade. Segundo Louro apud Weeks apud Britzman (1997, p.20):

As identidades sexuais se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero.

Entender, portanto que o sujeito possui identidades sexuais e de gênero é compreender que independente do ser masculino e feminino, eles podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais entre outros. O importante é considerar que independente da dinâmica da sexualidade as identidades sejam elas de gênero ou sexuais são construídas.

E ao romper com a dicotomia do gênero estamos abalando o enraizado caráter heterossexual que muitas vezes está associada por algumas pessoas ao conceito de gênero como nos afirma Louro (1997, p. 34):

A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro(portanto uma idéia singular de masculinidade e de feminilidade) e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presentes no conceito gênero. Na verdade penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens que vivem

feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como “verdadeiras/verdadeiros” mulheres e homens.

No tocante aos estudos culturais e de gênero podemos perceber o quanto os estudos das relações humanas e as relações de poder tem contribuído para divagar uma temática relevante quanto à formação desse sujeito. Aparentemente tão naturalizado em suas projeções, o sujeito, foi construído socialmente e não cessa esse processo de construção/desconstrução, uma vez que as identidades modificam-se a cada dia.

Faz-se importante ressaltar que a proposta do trabalho não é apresentar a homossexualidade como uma construção ou algo temporário na vida do sujeito, mas como uma identidade e uma diferença que se faz necessário ser visualizada e discutida, pois traz a palco a diferença não como anormalidade mais como uma condição natural dos sujeitos sejam eles homens ou mulheres.

Os estudos de gênero ao trazer os grupos sexuais minoritários (mulheres e homossexuais), propõem uma reflexão crítica em cada um de nós, que mesmo muitas vezes de maneira inconsciente reproduzimos preconceitos e julgamentos enraizados por uma cultura tipicamente patriarcal, heterossexual e fruto de uma subserviência a um padrão eurocêntrico.

3. HOMOSSEXUALIDADE

Até a década de setenta a homossexualidade era vista como universal uma vez que por representar um pecado poderia ser cometida por todos como afirma Louro (2008, p. 29):

Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido.

A ideia de pecado que segundo Louro começa a sofrer alterações, persiste de maneira mais fragmentada ao passar dos tempos uma vez que as discussões em torno da temática tornam-se crescente. Porém, como toda mudança de concepção caminha a passos lentos, ainda hoje vivenciamos também uma reprodução de visões preconceituosas que consideram esses sujeitos excêntricos e fora das normas sociais. Dessa forma ainda segundo Louro (2008, p. 29-30):

A ciência, a justiça, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão

atribuir a esses sujeitos e suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo.

Os discursos que proclamam a normalidade e naturalidade da homossexualidade são crescentes a partir da década de setenta com os primeiros movimentos de organização dos grupos homossexuais. Inicialmente tímidos e de maneira clandestina, eles expande-se para muitos países como os Estados Unidos e a Inglaterra.

No Brasil o Movimento Homossexual emerge cinco anos depois fruto da intervenção dos intelectuais que uma vez exilados no período da ditadura militar entraram em contato com os estudos que se propagavam a cerca de gênero fruto dos grupos feministas que começavam a se organizar na década anterior. Para Louro (2008, p. 31):

Nos grandes centros, os termos do debate e da luta parecem se modificar. A homossexualidade deixa de ser vista (pelo menos por alguns setores) como uma condição uniforme e universal e passa a ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, etc. A ação política empreendida por militantes e apoiadores torna-se mais visível e assume caráter libertador. Suas críticas voltam-se contra a heterossexualização da sociedade.

Com o surgimento da *Teoria Queer* o valor social e científico dos estudos sobre homossexualidade e a maneira como passa a ser investigada/questionada ganha novos direcionamentos uma vez que a própria terminologia traz em si um processo de resignificação. Segundo Louro (2008, p. 38):

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais.

termo *Queer* que não possui tradução na língua portuguesa, uma vez utilizado por muitos como um adjetivo pejorativo e preconceituoso, é usado por uma vertente dos movimentos homossexuais

para caracterizar sua perspectiva de oposição e contestação. Sendo assim relacionado ao ato de nos colocarmos contra a normalização.

Os estudos teóricos *Queer* ao contestar esse caráter de normalização e principalmente a heteronormatividade não almeja apresentar modelos de luta e contestação, mas opera como uma ferramenta e uma conquista importante dos homossexuais no embate a homofobia e a invisibilização desses sujeitos que aos poucos ganham mais espaço nas discussões acadêmicas.

Para os teóricos/as *Queer* a oposição heterossexualidade/homossexualidade deve ser criticada e abalada por meio de procedimentos de desconstrução. Segundo Louro (2008, p.43- 44):

Os teóricos e teóricas queer fazem uso próprio e transgressivo das proposições das quais se utilizam, geralmente para desarranjar e subverter noções e expectativas. É o caso de Judith Butler, uma das mais destacadas teóricas queer. Ao mesmo tempo em que reafirma o caráter discursivo da sexualidade, gênero. Butler afirma que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos e que essas "normas regulatórias" precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para que tal materialização se concretize.

A partir da citação analisa-se como essa oposição heterossexual/homossexual está presente não apenas nos discursos homofóbicos, mas também nos próprios discursos favoráveis a homossexualidade. No tocante seja a integração ou estigmatização, esses discursos não escapam da referência a heterossexualidade como uma norma. Segundo Tomaz Tadeu (2000, p.107) a Teoria Queer:

Efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria queer quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também "diferente") e não straight (heterossexual, mas também quadrado): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar.[...] O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade.

Sobre essas inquietações de trazer a diferenciação e romper os silenciamentos que Butler (2015)

traz ao cerne das discussões contemporâneas o corpo abjeto para ser problematizado. O homossexual, como um corpo abjeto, que não se encaixa na linearidade homem-mulher durante muito tempo esteve relegado a uma série de classificações de anormais e excêntricos. Hoje com o avançar dos estudos gays e lésbicos e principalmente com o avançar nos estudos sociais e culturais da *Teoria Queer*, a desestabilização dos discursos tem sido cada vez mais questionados. Apesar, de Judith Butler não se auto identificar como uma estudiosa da *Teoria Queer*, seus estudos reverberam questões que são trazidas por esses estudos. Contudo, antes de pensar como o sujeito homossexual começa a ser pensado dentro da *Teoria Queer*, é preciso que nos remetamos a história que foi construída sobre esses sujeitos e como eles fortalecem a cada dia uma luta por uma política de identidade que reivindica os direitos civis, ou como afirmava Butler (2015) o direito de existir em uma sociedade que o nega.

Questionar para onde vamos e aonde chegaremos são questões basilares na nossa contemporaneidade, entretanto, compreender como esse preconceito foi enraizado na sociedade é de suma importância. Nessa perspectiva, Mott (2001) faz um histórico de como foi sendo construído na moral cristã o preconceito contra o homossexual e que se perpetuou por muitas sociedades. Para o autor a homossexualidade é um tabu social que foi visto como um pecado e um crime aos modelos de família cristã. O homem que se deitava com outro foi visto como criminoso, como pode ser visto na citação bíblica presente no livro de Levítico, "Não te deitarás com um homem como se fosse mulher: isto é uma abominação. Não terás comércio com um animal, para não te contaminares com ele. Uma mulher não se prostituirá a um animal, isto é uma abominação"

A abominação referenciada é expressa pela homossexualidade masculina evidenciada nesse período com grande ênfase, pois, quando dois homens se deitavam e consumavam o ato sexual, como afirma Mott (2001) era considerado que dois semeadores estavam desperdiçando o poder de frutificar-se de dá a semente da vida. Além disso, vale salientar que a homossexualidade feminina não foi questionada nesse momento, pois não se reconhecia o desejo feminino e a mulher como um sujeito de direitos.

A sodomia homossexual foi muito reprimida na moral cristã que considerava abominável a relação sexual entre dois homens, entretanto, o sexo anal entre um casal heterossexual não foi tão reprimido, pois apesar de não gerar filhos, apenas um homem estava desperdiçando a semente da vida. Isso não quer dizer que durante muito tempo o sexo anal não teria sido questionado pela Igreja, uma vez que ela condenava a realização de um sexo que não tivesse o intuito da procriação e não contemplasse o mecanismo de perpetuação imposto por Deus, afinal, a mulher foi construída da costela de Adão, para completa-lo e ser seu oposto, assim sendo, seus corpos foram construídos para se unirem e acoplarem para a perpetuação do ser humano.

A moral cristã nomeou os corpos e construiu discursos que medicalizou e segregou os corpos. A sodomia homossexual, vista como aberração, abominável, pecadora, desviante de um padrão é alvo de muitos estudos científicos em diferentes áreas que tentam investigar as questões biológicas, naturais ou sociais de construção desses sujeitos. As religiões também tentaram explicar a homossexualidade e durante muito tempo ela foi concebida como uma doença e nomeada de homossexualismo.

A homossexualidade foi negada durante muito tempo como parte da história universal e apagada de muitos registros de algumas culturas, entretanto, não temos e nem podemos fazer isso na contemporaneidade em meio à efervescência do movimento LGBT que se espalhou por todo o país, manifestando e reivindicando seus direitos. O movimento grita por uma liberdade sexual e política sem classificações e exclusões que contempla a todos em suas diferentes vivências da sexualidade.

Durante muito tempo vivemos uma dominação masculina que exerceu uma grande violência simbólica na formação dos sujeitos, entretanto, vale ressaltar que a dominação masculina não exercida apenas sobre as mulheres, mas sobre a própria construção simbólica do que seria esse homem. A construção de uma masculinidade que determina os comportamentos e os modos de vida pesa sobre os ombros dos sujeitos que não se identificam com esses padrões.

Quando começamos a pensar a construção histórica e discursiva sobre a homossexualidade, percebemos que durante muito tempo o sujeito classificado como ser homossexual era um sinal de ofensa e exclusão, não que seja tão diferente hoje em dia, mas a partir dos estudos da *Teoria Queer* iniciou-se uma produção de estudos acadêmicos e produções científicas que iniciaram um forte debate sobre o exercício da sexualidade e a problematização da heterossexualidade imposta como "norma".

Discutir a *Teoria Queer*, questionar as relações de poder, as produções discursivas sobre sexo/gênero, desestabilizar a normalização e afirma-se como uma diferença que não quer ser incluída ou integrada, mas que deseja subverter essa ordem imposta sobre os corpos dos sujeitos para nos permitir enxergar e compreender a multiplicidade das dimensões do sujeito se revela como um instrumento importante para repensar essa educação contemporânea.

Portanto pensar queer é sobretudo repensar, questionar e problematizar os modelos impostos não só sexuais, mas de caráter identitário. Dessa forma os estudos queer tem contribuído cada vez mais com a compreensão da heterossexualidade e homossexualidade como interdependentes e pertencentes a um mesmo quadro de referência social.

Somos queer independentes das nossas orientações social, mas se estamos abertos a discutir as construções sociais que como já foi discutido anteriormente são impostas desde o início na

formação dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FIINAIS

Os estudos sobre sexualidade apresentam uma vertente ligada aos estudos homossexuais que subsidiam uma ferramenta importante para a desconstrução aos poucos da concepção homofóbica, conscientizando as pessoas que a diferença é natural e que precisamos conviver harmoniosamente com uma igualdade de direitos para todos os indivíduos sejam eles homossexuais ou heterossexuais.

Compreender a homossexualidade como uma opção sexual natural, é acima de tudo uma questão de respeito ao próximo, uma vez que convivemos diariamente com diversas pessoas, é preciso saber respeitar as diferenças e conviver de maneira harmoniosa com elas.

Pensemos então nos milhares de jovens que se suicidam por não serem aceitos por suas famílias e sociedade, pensemos nos milhares de profissionais que não estão atuando no mercado de trabalho por não conseguirem oportunidades devido a tanto preconceito.

REFERÊNCIA BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão de identidade. Estudos Feministas. Florianópolis, 2015. P. 179 -183 CARRARA, Sérgio. SIMÕES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política**: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira.

Disponível em:

<http://>

www.

[scielo.br](http://www.scielo.br)

[/scielo.php?](http://www.scielo.br/scielo.php?)

[script=sci_arttext&pid=S01048333200700010005.](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01048333200700010005)

Acessado em 16 de janeiro de 2011. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19ª edição. Edições Loyola: São Paulo. 1996 HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP & A,2006. LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1 ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008. LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto Editora: Portugal.,2000. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós – estruturalista – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. MOTT, Luiz. **A revolução homossexual**: o poder de um mito. Revista da USP, n. 49 (Dossiê Política & Participação), p. 40-59, 2001.

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Coordenação Pedagógica pela FAEL e Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: